Os Veteranos das Guerras Psíquicas

A história da Psicologia no front da primeira guerra

L. H. Santana

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santana, L. H.

Os veteranos das guerras psíquicas (livro eletrônico): a história da psicologia no front da primeira guerra mundial / L. H. Santana. -- Santo André, SP : Santana Editora, 2021.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-996853-0-9

1. Guerra Mundial - 1914-1918 2. Psicologia - Aspectos sociais 3. Psicologia - História I. Título.

21-95090

CDD-150.9

Índice para catálogo sistêmico:

1. Psicologia: História 150.9

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-
8/9380

Imagem de Capa: Representação artística de soldados se protegendo de gás cloro, arma química usada durante a primeira guerra mundial. Imagem publicada na Revista Scientific American em 15 de maio de 1915.

Imagem do verso: Representação artística de dosi homens em uma trincheira onde muitos ombatentes conviviam por meses durante a primeira guerra mundial. Imagem publicada na Revista Scientific American em 09 de junho de 1917.

Luiz Henrique Santana

Os Veteranos das Guerras Psíquicas

A história da Psicologia no front da primeira guerra
mundial

SUMÁRIO

Prefácio

Por que a primeira grande guerra? 08

Capítulo 01

Das caixas problema para os desafios do front: E. L.

Thorndike na Primeira Guerra Mundial 14

Capítulo 02

Wolfgang Köhler, Da Prússia com Amor 19

Capítulo 03

O General de Gabinete: A herança controversa de

Robert Yerkes 28

Capítulo 04

John B. Watson: o meteoro rachado pela guerra

45

Capítulo 05

Das cordas aos gatilhos: melodia, movimentos e a

guerra de Max Wertheimer 54

Capítulo 06

O front de Recrutamento e Seleção de J. R. Angell

na Primeira Guerra 61

Capítulo 07

Theodore Simon, cirurgias, epidemias e a miséria humana no front	66
--	----

Capítulo 08

Bernard Hart, um professor na guerra pela sanidade	74
--	----

Capítulo 09

Helena Antipoff, peregrina entre as marcas da guerra civil e militar	80
--	----

Capítulo 10

Exercícios Didáticos	90
----------------------	----

Pós-fácio

História, Historiografia e a formação do psicólogo	96
--	----

Prefácio

Por que a primeira grande guerra

Luiz Henrique Santana

“A guerra para pôr fim à todas as guerras”.

Foi assim que H. G. Wells referiu-se ao conflito que se iniciava em 1914 que duraria anos e que seria responsável pela morte de 20 milhões de pessoas e feriu outros mais de 20 milhões em todos os continentes e oceanos deste planeta. A primeira guerra mundial, pois fim a um período inédito de paz entre as potências europeias e revelou a face violenta do nacionalismo exacerbado na forma da guerra industrial e total. A sociedade capitalista industrial constituída nos séculos anteriores mostrou no conflito sua capacidade de aniquilação de pessoas, povos, culturas e meios de produção de forma rápida e efetiva.

Ao mesmo tempo, o contraste entre os modos tradicionais de vida e guerra que entremeavam os conflitos de trincheiras eram confrontados com a brutalidade fria que as novas técnicas permitiam. Em meio aos movimentos

meticulosos, lentos e demorados das trincheiras, epidemias, genocídios, e verdadeiros extermínios eram perpetrados. A morte se revelava em todas as suas formas e para todos. Para os acometidos pelo tifo. Os atingidos pelos novos armamentos químicos espalhados como gás pela atmosfera ou pulverizados em gotículas. E até para animas em uso militar, como a tropa de mais de 15 mil soldados turco-otomanos montados sobre camelos que foram assassinados pela marinha britânica na última grande batalha de uma cavalaria na história humana.

As tecnologias da guerra transformaram o mundo. A guerra acelerou as transformações na comunicação em massa pela popularização do rádio e integração de grandes porções territoriais com o telégrafo e, posteriormente, o telefone. A indústria alimentícia se profissionalizaria para garantir o abastecimento de suprimentos. E até as instituições se tornariam espaços mais hierarquizados e impessoalizados em meio à padronização e tecnificação dos processos. As marcas da guerra se contam no número de mortes, mas também no

impacto sobre a vida cotidiana de cidadãos comuns ao redor de todo o mundo.

A psicologia fez parte dessa transformação tanto por sua ação nos novos processos técnicos que a guerra exigia quanto, em alguns casos, pela ação direta no front da guerra. Grandes figuras intelectuais como Donald Winnicott, Ludwig Wittgenstein e outros estiveram nos campos de guerra. Outros, como Bertrand Russel, foram presos como desertores por se oporem ao Estado de Guerra e suas consequências corrosivas ao tecido social. E muitos outros mais atuaram nas frentes de trabalho da guerra, na gestão de pessoas aos cuidados com os feridos e marcados pelas chagas do *front*. Neste livro, tentei trazer a biografia de alguns personagens à tona para estimular o jovem estudante de história da psicologia e das ciências do comportamento e cognição a recuperar uma parte dessas histórias com o objetivo de estimular o aprofundamento sobre as bases sociais da ciência e da profissão do psicólogo bem como o impacto que alguns fatos sociais podem

ter sobre os rumos e peculiaridades de uma ciência mesmo décadas ou século depois.

A primeira guerra viu psicólogos desenvolverem e utilizarem testes psicológicos recém inventados para o recrutamento e seleção de pessoal altamente especializado para a nova guerra tecnoindustrial que se constituía. Contudo, estes mesmos testes seriam utilizados para a naturalização de discursos de segregação e de naturalização de diferenças individuais na forma de discursos e políticas eugenistas que municiariam os movimentos nazifascistas nas décadas seguintes. Foi na primeira guerra que a problemática da definição e padronização dos critérios diagnósticos em saúde mental assumiu proporções epidêmicas, tendo o exército britânico identificado que até 8% dos seus recrutas e até 20% dos seus oficiais sofriam do trauma de guerra (do inglês, *shell shock*). E foi este mesmo exército que viu a proliferação de terapêuticas pouco criteriosas emergirem prometendo a cura definitiva mesmo na ausência de

provas e mesmo de uma compreensão extensiva daquele quadro.

As promessas da guerra moveram paixões e sonhos entre os que não a conheciam, como boa parte dos acadêmicos, que descobriram com os horrores do front e com as frustrações de verem seus planos de carreira e pesquisa postos de lado ou fracassado, uma exposição e pressão que para a jovem ciência da psicologia ainda era inédita. Entre heróis, bandidos e tolos, a guerra sacramentaria o fim de uma era de otimismo quase ingênuo com o futuro e lançaria a humanidade naquele que já foi chamado de o breve século XX, marcado pelos temores da guerra total e da ameaça progressivamente mais real de uma hecatombe ou apocalipse de civilização humana. Um mal-estar que deixaria marcas não apenas na geopolítica global, mas na vida do cidadão comum como se veria retratados no cinema, quadrinhos e nas mídias das décadas seguintes.

Compreender como a psicologia participou, reagiu, liderou e foi afetada pela guerra é um passo

importante para entender como nos vimos divididos entre abordagens clínicas, entre movimentos científicos (como o behaviorismo e a revolução cognitiva), e para compreender o processo de pulverização teórica da psicologia como ciência e como profissão que nos conduziu a crises de replicabilidade que reavivam a discussão sobre práticas baseadas evidência.

Nada melhor do que a história para pôr o presente em perspectiva. No divã. Ainda que Freud não esteja entre os personagens que se lançaram no front. Nos próximos capítulos, eu lhe convido a exercitar o seu espírito questionador e investigador para você mesma(o) construir uma trilha que lhe lance luz sobre o passado. Não pelo caminho da nostalgia, mas pela busca ativa de fontes e evidências que retratem esses homens e mulheres como seres humanos – como eu e você – cujas biografias guardam as marcas tristes do conflito, da doença morte entre o brilho da teoria, da ciência e da profissão da psicologia.

Capítulo 01

Das caixas problema para os desafios do front: E. L. Thorndike na Primeira Guerra Mundial

Edward Lee Thorndike (1874–1949) deixou um legado à psicologia comportamental que se estende dos fundamentos e medidas da psicologia experimental até a construção de ferramentas de avaliação psicológica e para a educação de crianças e adultos. Entre 1895 e 1904, Thorndike se dedicou à trabalhos experimentais com animais que renderam os achados que ele defenderia em sua tese de doutorado no laboratório de psicologia experimental de William James e James McKeen Cartel na Universidade de Harvard sobre inteligência animal (Thorndike, 1898) e que seria publicado apenas depois de mais de uma década (Thorndike, 1911). A partir de 1904 e até 1940, Thorndike assumiria uma posição como professor de Psicologia educacional na Universidade de Columbia (Britannica, 2018). Em educação deixaria seu legado dividido entre a promoção de ideias eugenistas² e a formulação de testes psicológicos e

materiais didáticos voltados ao ensino de crianças e adultos. Apesar de ter formulado sua lei do efeito, Thorndike consideraria as curvas de aprendizagem como um subproduto da interação entre capacidades individuais inatas com os limitantes ou condições ambientais em vigor num processo de aprendizagem.

Em sua atuação no front americano na I Guerra Mundial, Thorndike desenvolveu a versão alfa e beta do ASVAB (teste de múltipla escolha aplicado no processo de admissão de novos recrutas no exército estadunidense). Estes testes se fundamentam sobre três construtos básicos ou dimensões para o desenvolvimento intelectual. A inteligência abstrata, que seria o processo de formação de conceitos distintos e estabelecimento de relações entre conceitos distintos. O segundo construto seria a inteligência mecânica, que descreveria a capacidade de uma pessoa em lidar com objetos físicos e problemas concretos. Por fim, o último constructo trataria da inteligência social ou a capacidade de lidar com relações interpessoais.

Este dimensionamento ou análise da inteligência distinguia a proposta de Thorndike de outras contemporâneas suas (e.g. como as de James McKeen Cattell) por propor o tratamento da inteligência em dimensões ou habilidades específicas (e.g. abstrata, mecânica e social), característica que seria posteriormente adaptada em testes posteriores (como as escalas Wescheler de inteligências e os modelos de inteligência de Gardner e Sternberg).

A experiência com a aplicação do ASVAB derrubaria várias das pré-concepção de Thorndike a respeito da inteligência humana. Um bom exemplo é a refutação da ideia de que a inteligência começava a declinar 1% ao ano a partir dos 35 anos de idade (Thorndike, 1935) e contribuiria para o desenvolvimento de novas práticas e políticas para a educação de adultos, em especial nos EUA. O trabalho de Thorndike influenciaria David Wescheler, que incorporaria o princípio de decomposição da inteligência em dimensões à sua escala de avaliação de inteligência em adultos

(WAIS-I) ainda em meados dos anos 1930 (Murdoch, 2007). E. L. Thorndike construiu uma carreira integrando os achados de psicologia animal (a qual investigou e se dedicou em grande parte de sua carreira) com o desenvolvimento de práticas e ferramentas que contribuíram com a avaliação e testagem psicológica e para a construção da psicologia educacional nos EUA (Britannica, 2018). Ao fim da guerra, Thorndike retornaria à Universidade de Colúmbia e se dedicaria à pesquisa sobre educação de adultos. Seu trabalho experimental influenciaria o trabalho de Skinner e muitos outros, tendo sua obra uma das mais citadas e referenciadas do século XX (Britannica, 2018). O ASVAB está hoje em sua quinta edição e continua a ser usado pelo exército americano para o recrutamento de pessoas até os dias de hoje (Britannica, 2018).

Referências

Britannica. (2018). *Edward Lee Thorndike*.

Acessado em: 12 de novembro de 2019.

Link:

<https://www.britannica.com/biography/Edward-L-Thorndike>.

Thorndike, E. L. (1911). *Animal Intelligence: experimental studies*. New York: The Macmillan Company.

Thorndike, E. L. (1913). *Education Psychology: briefer course*. New York: Routledge.

Thorndike, E. L. (1935). *The psychology of wants, interests and attitudes*. New York: Appleton-Century.

Capítulo 02

Wolfgang Köhler, Da Prússia com Amor

Com o perdão pela corruptela do nome original do filme Moscou contra 007 (007 — *From Russia with Love*, EUA-UK, 1963), mas o texto de hoje é um dos petardos de curiosidade da história da psicologia. Um mistério cinematográfico de um personagem de rica história e que aqui será apenas brevemente discutido pelo seu papel como algo mais que pesquisador num território estrangeiro, insular e remoto.

Wolfgang Köhler nasceu em Reval (território da atual Tailin, Estônia) no ano de 1887. De pais alemães, Köhler estudou nas Universidades de Tübingen e Berlin, tendo concluído seu doutorado em 1909 sobre psico-acústica com orientação de Carl Stumpf, importante psicólogo do início do século XX. Em 1910, após a obtenção de seu título de doutor, Köhler começaria um período de pesquisa junto ao laboratório de Max Wertheimer. No Instituto Psicológico da Academia de Frankfurt, Wertheimer usaria o próprio Köhler e

Kurt Koffka como seus primeiros sujeitos de pesquisa nos experimentos em Psicologia da Gestalt.

Do entusiasmo que Köhler nutriu no tempo com Wertheimer, Köhler planejava uma linha de pesquisa em psicologia da Gestalt com humanos, planos que mudaram repentinamente quando ele foi recrutado pela Academia Prussiana de Ciências em 1913 para ocupar a posição de coordenador da estação de pesquisa de macacos antropoides nas Ilhas Canárias, território espanhol próximo à costa noroeste da África. A história até aqui é clara e bem documentada. Em grande medida, você encontrará essa história em qualquer bom livro de história da psicologia. A curiosidade começa com a descoberta de novos fatos que parecem indicar que Köhler teria atuado como espião do governo alemão nas Ilhas Canárias ao longo de seus sete anos (1913–1920) como responsável pela unidade de pesquisa na Ilha de Santa Cruz de Tenerife durante a Primeira Guerra Mundial (WWI, sigla para World War I).

Quando foi alocado nas Ilhas Canárias, Köhler esperava ocupar uma posição provisória que

duraria apenas o ano de 1914. Contudo, com a explosão da WWI em julho de 1914, o reservista Köhler buscou o consulado alemão local para alistar-se no exército alemão. Todavia, ao invés de ser absorvido pelo esforço de guerra do exército alemão, Köhler seguiu em sua posição de chefe de pesquisa da estação de Tenerife não apenas pelo restante de 1914 como até após o fim da guerra em 1920. Até aí, nada demais, correto?

Na estação alemã de pesquisa sobre antropóides Köhler trabalharia com um conjunto de primatas antropóides, principalmente chimpanzés. Quando Köhler notou pela primeira vez um de seus chimpanzés (chamado Sultão) empilhando algumas caixas para alcançar um cacho de banana, ele o chamou de Einsicht, a palavra alemã para inteligência, discernimento e conhecimento, mas foi traduzida para o inglês como “insight”. O insight de Köhler foi definido como uma mudança súbita na consciência.

O insight de Köhler foi relatado em seu livro *Intelligenzprüfungen an Anthropoiden* (*The*

Mentality of Apes ou a Inteligência dos Macacos), descrevendo sua pesquisa durante seu tempo no Instituto da Academia Prussiana de Ciências em Tenerife (nas Ilhas Canárias). Köhler entendeu suas descobertas como evidências contra a estreiteza da psicologia associativa inicial incorporada no behaviorismo de John Watson. Um legado eternizado nos livros de história de Psicologia até hoje. Todavia, há uma ressalva importante a se fazer sobre a presença desses primatas na estação.

A Ilha de Santa Cruz de Tenerife não possui nenhum chimpanzé ou grande primata nativo nessa ilha ou se quer no arquipélago das ilhas canárias. Instalar uma estação de pesquisa ali exigia um custo logístico que poderia ser reduzido se instalada em outra parte da África Continental. Se a Alemanha ainda tinha territórios e aliados em território continental, instalar uma estação de pesquisa em Tenerife parecia agregar um custo cuja justificativa poderia estar para além dos interesses que a pesquisa sobre primatas antropóides trazia. Desde o pré-guerra, Kohler já havia declarado em cartas sobre os

rumores que circulavam na ilha à respeito de sua presença ali.

Segundo ele, um senhor inglês havia espalhado o boato de que ele [Köhler] era um espião alemão naquelas terras. Rumor desmentido na mesma carta. Contudo, fontes primárias do escritório britânico de assuntos estrangeiros sobre a I Guerra Mundial apontam para atividade de espionagem na ilha.

Uma atividade balizada pelo governo alemão e feita por agentes de formação qualificada. Ley (1997) e Teuber (1994), dois historiadores dessa atividade de espionagem, estão de acordo que não há evidência do engajamento de Köhler na prática de espionagem pré-guerra. Ainda assim, após o início da guerra, o contexto mudaria profundamente e a rotina do trabalho de campo de Köhler mudaria. Ao laboratório se somaria o front de inteligência e os riscos de bombardeio, prisão, tortura e morte.

Em sua casa em Tenerife, Köhler tinha os meios e os fins para espionar os inimigos da Alemanha na primeira grande guerra. Entre os

meios, estão uma posição estratégica nas ilhas Canárias e uma estação e uma casa com estrutura para transmissão de rádio desde a ilha até porções continentais e navios alemães. O mapa encontrado por Ley (1990) 05 destaca a posição da casa de Köhler na ilha, marcada com um “X”. uma posição virada para o norte, que permitia vislumbrar navios circulantes pela entrada do mediterrâneo e transmitir em rádio para outros territórios continentais na África e na Europa. Conhecer o fluxo de navios na conexão do Mediterrâneo com o Atlântico era fundamental à marinha alemã. E as Canárias um ponto de vigilância privilegiado.

Ainda assim, contexto social não seria suficiente para ditar ações que poderiam colocar a vida de si e de sua família em risco. Köhler precisaria de motivações mais próximas. De ordem governamental e pessoal. De um lado, ele recebera uma convocatória direta do governo alemão para que Köhler continuasse em Tenerife (Ley, 1990). Por outro, o próprio Köhler declarava em cartas seu

interesse e engajamento com sua nação, um compromisso que sustentaria em sua vida pública no retorno à Alemanha da República de Weimar no seu retorno após a I Guerra Mundial, e depois em suas críticas ao regime Nazista.

O período de Köhler em Tenerife terminou em 1920. Ele voltou para o território continental da Alemanha e ocupou por dois anos uma posição como professor em Gottingen (1920–1922), mas rapidamente conquistaria uma posição na Universidade de Berlin onde permaneceria até 1935. Neste tempo, voltaria a cooperar com Wertheimer e Koffka, orientaria a brilhante psicóloga Hedwig von Restorff (a qual se consagraria pela descrição do efeito von Restorff; Restorff, 1933), e em Berlin Köhler onde escreveria uma de suas obras mais influentes até hoje, o livro *Gestalt Psychology* (Köhler, 1929).

Infelizmente a história de Köhler não termina nesse ciclo fecundo em Berlin. Köhler, como tantos outros cientistas e gestaltistas alemães, seria uma das vítimas do nazi-fascismo. No caso

dele, como uma das poucas vozes dentro das universidades alemãs de não judeus que se ergueram contra as leis anti-semitas do regime de Adolf Hitler iniciado em 1933. Kohler seria perseguido até se ver obrigado a deixar sua posição em Berlin e emigrar para os Estados Unidos da América em 1935. Uma história para outro dia. Talvez outra série.

Köhler viveu uma guerra e serviu seu país, talvez em mais de uma forma pelas evidências mencionadas aqui, mas foi perseguido como inimigo de sua pátria por defender a liberdade na educação e nas ciências e por defender o direito de um povo inteiro de não ser perseguido por sua identidade étnica e religiosa. Em tom jocoso, ele duvidava de que a radicalização do partido nazista pudesse acontecer, mas acabou padecendo deste radicalismo que menosprezou. De espião à exilado, Köhler seria um dos poucos que conseguiram costurar sua carreira na ciência mesmo depois de se mudar aos EUA. Um sobrevivente persistente. Mais um atributo de um bom espião, talvez.

Referências

- Ley, R. (1990). *A whisper of espionage: Wolfgang Köhler and the apes of Tenerife*. Garden City, NY: Avery Publishing Group Inc.
- Ley, R. (1997). Köhler and Espionage on the Island of Tenerife: A Rejoinder to Teuber. *The American Journal of Psychology*, 110(2), 277–284.
- Restorff, H. (1933). Über die Wirkung von Bereichsbildungen im Spurenfeld. *Psychologische Forschung*, 18(1), 299–342. DOI:10.1007/BF02409636.
- Teuber, M. L. (1994). The Founding of the primate station, Tenerife, Canary Islands. *American Journal of Psychology*, 107, 551–581

Capítulo 03

O General de Gabinete: A herança controversa de Robert Yerkes

“(…) Aqui, nesta boa
terra,/Marram todos, tudo
berra;/Nobres Condes e
Duquesas,/Ricas Damas e
Marquesas,/Deputados,
senadores,/Gentis-homens,
vereadores;/Belas Damas
emproadas,/De nobreza
empantufadas;/Repimpados
principotes,/Orgulhosos
fidalgotes,/Frades, Bispos,
Cardeais,/Fanfarrões
imperiais. (...) Gentes
pobres, nobres gentes,/Em
todos há meus
parentes./Entre a brava
militança/Fulge e brilha alta
bodança;/Guardas, Cabos,
Furriéis,/Brigadeiros,

Coronéis,/Destemidos
Marechais,/Rutilantes
Generais,/Capitães de mar e
guerra,/ — Tudo marra, tudo
berra — (...)” (Quem sou eu,
Luís Gama, 1944)

Este texto sobre Robert Yerkes vai separar duas dimensões de sua obra. Uma a que chamarei de legado e que fala de suas contribuições técnicas e científicas à Psicologia, e outra — que chamarei de espólio — que se referirá às suas ideias e ações com impacto social e político com consequências para sociedade americana e para a representação popular da psicologia no senso comum nos Estados Unidos.

Figura 01. Linha do tempo de alguns marcos da vida e carreira de Robert Yerkes e o panorama histórico onde se inseriam.

Figura 02. Genealogia Acadêmica simplificada de Robert M. Yerkes. Sua linha de descendência também inclui Melvin E. Haggerty, Chauncy McKinley Louttit, Robert B. Malmo.

A Psicologia atuou em muitas frentes, e poucos tiveram um papel estratégico tão proeminente quanto Robert M. Yerkes. A trajetória protagonista de Yerkes na Psicologia começa quando ele obtém seu doutorado em psicologia em 1902 e começa a lecionar Psicologia na *Harvard University*, onde ficaria até 1924, antes de assumir o cargo de professor na *Yale University*, onde permaneceria até se aposentar em 1944.

A vida e a trajetória acadêmica de Robert Yerkes acompanharam os debates típicos de sua época. Contemporâneo de Cattell, Angell, Watson, Titchener e outros, Yerkes esteve envolvido na própria definição da psicologia científica e profissional nas primeiras décadas do século XX. Sua abordagem naturalista, evolucionista e comparativa para a mente muitas vezes o identifica nos livros de história da psicologia como membro do movimento que ficou conhecido como funcionalista na psicologia americana. No caso de Yerkes, essa identificação funcionalista se daria tanto por sua identificação com a experimentação quanto por

definições e conceitos formulados a partir de pesquisas populacionais (Paicheler-Harrous, 2018). Não por coincidência, ele foi um expoente do desenvolvimento e disseminação do uso de testes psicológicos em diferentes contextos de atuação. No ramo mais básico da ciência, Yerkes atuou em pesquisas sobre os limites da cognição animal e de suas sociabilidades num centro nacional de pesquisas em primatologia que hoje leva seu nome nos EUA. Yerkes também conheceu grandes nomes da psicologia de sua época fora dos EUA, tendo visitado a Rússia soviética após a primeira Guerra e conhecido em primeira mão as instalações e trabalhos de renomados pesquisadores russos como a zoóloga e taxidermista Nadezhda Ladygina-Kohts (Museu Darwin em Moscou) e o prêmio Nobel em Fisiologia e Medicina Ivan P. Pavlov em 1904.

Robert Yerkes investiu grande parte do seu tempo de pesquisa e ensino construindo pontes que mostrassem a aplicabilidade dos conhecimentos psicológicos à vida cotidiana. Num tempo em que a psicologia era fortemente um ramo empírico e

introspectivo da filosofia feita em laboratórios adaptados de fisiologia com um único sujeito e que muitas vezes era o próprio experimentador, Yerkes fazia seminários para interessados nas carreiras de educação básica e atuava junto com autoridades dentro e fora das universidades para consolidar a psicologia dentro dos currículos da formação de professores (Paicheler-Harrous, 2018). Essa consolidação fez a psicologia deixar de ser uma ciência isolada e nichada em departamentos de filosofia para se tornar uma cátedra presente em todas as escolas de educação e, posteriormente, em departamentos e centros independentes para a formação de psicólogos e pesquisa científica nos processos de percepção e memória, por exemplo. Numa época em que mais de mil escolas e mais de 10 Universidades eram abertas todos os dias nos EUA (Paicheler-Harrous, 2018), resultado da expansão da educação básica necessária para educação dos novos trabalhadores industriais que ali se necessitava, não é difícil entender como o papel de Yerkes entre outros (um dos mais notórios sendo

Edward L. Thorndike) foi primordial para a expansão da psicologia no início do século XX.

Ao longo da primeira guerra, Yerkes presidiu a *American Psychological Association* (APA) onde mobilizou e liderou o esforço de aplicação da psicologia no esforço de guerra. No mesmo dia em que o Congresso Americano assinou a declaração de guerra contra a Alemanha em 1917, Robert Yerkes — então presidente da APA — reuniu um comitê para definir uma lista entre às forças armadas americanas sobre como a Psicologia e os Psicólogos poderiam contribuir com o esforço de guerra (Carson, 1993). Dessa lista, um ponto chamou especial atenção do exército: a organização de um coletivo para avaliação das funções mentais para triagem de talentos e capacidades aplicadas aos trabalhos do front e dos demais contextos da nova guerra (Carson, 1993).

Yerkes desenvolveu em conjunto com outros colegas baterias de testes psicológicos cuja aplicação se daria tanto no ambiente clínico (em seu trabalho no *Boston Psychopathic Hospital*) quanto

militar no treino de tropas de psicólogos que atuariam no front da guerra na seleção e distribuição dos recrutas nos campos de treinamento para funções específicas em trabalhos especializados. Na figura 02 é possível ver uma dessas turmas de psicólogos treinados para aplicar os testes alfa e beta de inteligência em novos recrutas do exército americano. O teste beta foi o primeiro teste de inteligência criado para analfabetos e ambos os testes são utilizados até hoje.

O legado

O legado de Yerkes mistura contribuições na ciência e na profissão da psicologia. Fundou o *Yale University Laboratory of Primatology* e suas contribuições à institucionalização da primatologia renderam a homenagem de ter seu nome no centro nacional dos EUA de pesquisa em primatas, o *Yerkes National Primate Research Center at Emory University*. As primeiras observações de primatas feitas por Yerkes foram de animais mantidos em uma colônia particular mantida pela primatóloga amadora Madame Abreu's em Cuba no início dos

anos 1920. Ela cederia à Yerkes 13 animais para que ele fundasse o laboratório na Yale em 1924.

Antes da primeira Guerra e de seu engajamento no exército, Yerkes trabalhou com ratos no laboratório em Harvard e publicou seu primeiro livro em 1907 intitulado *The Dancing Mouse: A Study in Animal Behavior* (O Camundongo Dançante: um estudo em comportamento animal, tradução livre; Yerkes, 1908). Destes trabalhos com ratos, Yerkes e seu colaborador John D. Dodson formulariam uma lei que ficaria conhecida como Lei de Yerkes-Dodson sobre a relação entre a força do estímulo e a rapidez da formação de hábitos (Yerkes & Dodson, 1908). Essa lei descreve como valores intermediários da intensidade do estímulo (entre o limiar superior e inferior) são ideais para a aquisição de novos comportamentos voluntários ou hábitos.

Em virtude das demandas urgentes trazidas pela guerra para recrutamento e seleção de pessoas para os novos cargos especializados que a guerra em escala industrial exigia, Robert Yerkes liderou o

grupo que desenvolveu o teste alfa e beta de inteligência para o exército americano (Carson, 1993). Estes testes adaptavam a escala Simon-Binet de inteligência para ser aplicada em grupo e focavam em 7 objetivos fundamentais:

- “1. Classificar os soldados de acordo com sua capacidade mental, complementando, assim, os registros do pessoal de qualificações ocupacionais e auxiliando na atribuição do Exército.
2. Fornecer uma classificação mental para cada soldado que deve auxiliar os oficiais de pessoal na construção de organizações de força igual ou apropriada.
3. Auxiliar no regimento, na companhia e nos oficiais médicos por meio de um exame cuidadoso e relatório sobre os homens que não estão respondendo satisfatoriamente ao treinamento, ou são de outra forma problemáticos.
4. Auxiliar os oficiais do batalhão de desenvolvimento com classificação,

graduação, treinamento e atribuição final de homens.

5. Auxiliar na descoberta de homens de habilidade mental superior que devem ser selecionados para campos de treinamento de oficiais, para promoção ou para designação a tarefas especiais.

6. Auxiliar na descoberta e posicionamento adequado de homens com habilidades especiais marcadas, como por exemplo, observadores ou batedores para o serviço de inteligência.

7. Auxiliar na descoberta de homens que são mentalmente inferiores e que, de acordo com o grau de deficiência, devem ser recomendados para alta, batalhões de desenvolvimento, organizações de trabalho ou treinamento militar regular.” (Yoakum & Yerkes, 1920, p. xii-xiii, tradução livre).

O teste é aplicado ainda hoje e se divide em oito sub-testes progressivamente mais difíceis que exploram habilidades em aritmética, “senso

comum”, vocabulário, ordem de palavras, número de padrões, analogias e teste de completar sentenças (Yoakum & Yerkes, 1920). Os testados são solicitados a responder da forma mais rápida possível as perguntas dos testes. A aplicação desses testes ao longo da guerra foi conduzida por 120 oficiais, 350 recrutas e mais de 500 funcionários associados para o recrutamento de mais de 1.7 milhões de recrutas, mais de 7800 foram dispensados do serviço militar por terem falhado nos testes (Yoakum & Yerkes, 1920). Mais de 30% dos testados no teste alfa (para alfabetizados) falharam e precisaram realizar o teste beta (para analfabetos). Os grupos de aplicação dos testes podiam ter até 500 testados a cada vez (Yoakum & Yerkes, 1920).

O espólio

Robert M. Yerkes foi um gigante da psicologia americana do início do século XX. Contudo, sua vida e carreira estão marcados por sua participação e liderança de organizações e grupos eugenistas que fundamentaram políticas de limpeza étnica e racial nos EUA ao longo de todo o século

XX. Ele foi membro e líder do Committee on Inheritance of Mental Traits (Comitê de herança de traços mentais) parte do Eugenics Record Office (Escritório de Registros Eugênicos), instituição que funcionaria nos EUA de 1910 e 1939 e promoveria a restrição de imigrantes não brancos e oriundos da América Latina, África e Ásia, além de defender castração compulsória contra populações não brancas nos EUA (Black, 2003). O fechamento deste escritório só aconteceria em 1939, mas políticas de castração compulsória permaneceram nos EUA até o início do século XXI (Hilgard, 1965). As atividades do ERO estão intimamente ligadas à trajetória de Yerkes, tendo essa organização sido fundada por Charles Benedict Davenport, que havia sido professor de Yerkes no seu tempo na Harvard (Hilgard, 1965). Ao longo da primeira guerra, Yerkes e sua equipe coletariam dados de mais de um milhão de soldados americanos e a análise desses dados seriam usadas por Yerkes e outros eugenistas para justificar políticas de segregação pela naturalização de diferenças individuais que

minimizavam fatores socioculturais e visavam justificar moralmente políticas de violência e morte promovidas pelo Estado americano contra comunidades não brancas.

Junto com Edward L. Thorndike, compôs o sub-comitê de psicometria do *Eugenics Research Association 16th Annual Meeting*, em 1928 (*Archive on the American Eugenics Movement*, 1928). Yerkes também escreveu o prefácio do livro *A study of American Intelligence* (Bringham, 1923), escrito por Carl C. Bringham, também membro do ERO. Yerkes convenceu E.G. Boring, famoso historiador da psicologia no início do século XX, a escrever uma resenha positiva como forma de demonstrar uma unanimidade entorno dos ideais eugenistas na psicologia Americana (Stout & Stuart, 1991). Boring (1920) — todavia — fez uma crítica ácida ao livro e acentuou a divisão já marcada por outras vozes como John B. Watson (também opositor da determinância genética como pregada pelo movimento eugenista com fins de “purificação” racial e higiene social).

À luz dessas primeiras décadas do século XXI, Robert Yerkes deixou um legado marcado por ideais racistas e de superioridade de raças. Sua postura como líder do esforço militar e engajamento da psicologia na primeira guerra se mistura à um esforço pessoal de Yerkes pela naturalização de ideais eugenistas de segregação. Revisitar sua trajetória de vida e carreira deve servir como lição sobre os limites e compromissos políticos e sociais que sempre circundam as instituições humanas, incluindo a ciência e as(os) cientistas.

“Se alguém, seja lá quem for/Tiver que morrer, na guerra ou no amor/Não me peça pra entender/(Não me peça pra esquecer)/Não me peça para entender/Não me peça pra escolher/Entre o fio ciumento da navalha/E o frio de um campo de batalha” (Filmes de Guerra Canções de Amor, Engenheiros do Havaí, Humberto Gessinger, PLUG, 1993).

Referências

Archive on the American Eugenics Movement.
(1928). Eugenics Research Association 16th

Annual Meeting.
http://www.eugenicsarchive.org/eugenics/topics_fs.pl?theme=24&search=Robert%20Yerkes&matches=254,704,255

Black, E. (2003). *War Against the Weak: Eugenics and America's Campaign to Create a Master Race*. New York; London: Four Walls Eight Windows.

Boring, E. G. "The Logic of the Normal Law of Error in Mental Measurement." *American Journal of Psychology*, XXXI (1920), I-33.

Brigham, C. C. (1923). *A study of American intelligence*. London: Humphrey Milford and Oxford University Press.

Carson, J. (1993). Army Alpha, Army Brass, and the search for army intelligence. *Isis*, 84(2), 278–309.

Gama, L. (1944). *Trovas burlescas e escritos em prosa*, p. 97–100. Org. Fernando Góes. São Paulo: Cultura.

- Hilgard, E. R. (1965). Robert Mearns Yerkes, 1876–1956. A biographical Memoir of the National Academy of Sciences.
- Paicheler-Harrous, g. (2018). A Invenção da Psicologia Moderna. São Paulo: Benjamim/Cummings Editora.
- Stout, D.; & Stuart, S. (1991). E. G. Boring's Review of Brigham's "A Study of American Intelligence": A Case-Study in the Politics of Reviews, 21(1), 133–142.
- Yerkes, R. M. (1908). The Dancing Mouse. New York: The Macmillan Company.
- Yerkes, R. M.; Dodson, J. D. (1908). The relation of strength of stimulus to rapidity of habit-formation. Journal of Comparative Neurology and Psychology, 18, 459–482.

Capítulo 04

John B. Watson: o meteoro rachado pela guerra.

“There must be some kind of
way outta here/Said the joker
to the thief/There’s too much
confusion/I can’t get no
relief/Businessmen, they
drink my wine/ Plowmen dig
my earth/None will level on
the line/Nobody offered his
word” (All along the
Watchtower, Jimmi Hendrix,
1968)

John Broadus Watson (1878-1958).
Doutorou-se (1903) e lecionou na *University of
Chicago*, além de ter atuado como professor na *John
Hopkins University*. Pesquisador e Professor em
Zoologia e Psicologia Comparativa. Presidente da
American Psychological Association (APA) em
1915. Publicou mais de 200 itens científicos e de
divulgação científica, além de 4 livros sobre
Psicologia teórica, básica e aplicada (Strapasson,

2020). Autodeclarado fundador do movimento Behaviorista em psicologia e premiado pela APA em 1957 por suas contribuições à Psicologia. De 1903 à 1917, Watson tornou-se uma das faces públicas da Psicologia Científica nos Estados Unidos por suas publicações voltadas ao público não especialista (de leigos a outros profissionais e cientistas), sua atuação como editor de periódicos científicos de destaque (e.g., *Psychological Review*, e o *Journal of Experimental Psychology*) e de sua atuação como presidente da APA em 1915, e do uso de uma linguagem enérgica e cheia em promessas científicas e tecnológicas para a psicologia na vida cotidiana da sociedade americana (Paicheler-Harrous, 1992/2018). As promessas e a ascensão meteórica da figura de Watson, tiveram na primeira guerra um campo de atuação e teste que revelou dificuldades de prova, limites práticos de ideias e propostas, além de dificuldades de relacionamento com outras figuras de liderança na Psicologia e no exército americano.

Com a entrada dos EUA na Guerra em 1917, Watson foi recrutado para o *Committee on Personnel in the Army* – grupo organizado por Robert M. Yerkes, então presidente da APA, para organizar o esforço de guerra dos psicólogos estadunidenses no recrutamento e seleção de pessoal para as novas funções especializadas que a guerra em escala industrial impunha –, do *Committee of Classification of Personnel*, sob a liderança de Walter Dill Scott no Ministério da Guerra, e do *Committee on Psychological Problems in Aviation*, liderado por Edward L. Thorndike. Watson foi chegou a ser nomeado comandante (i.e., Major) do Signal Corps, dedicado à comunicação e sistemas de transmissão e informação para a organização de pessoal e recursos de defesa, e do *Oxygen Committee*, que reunia então médicos, fisiologistas, psicólogos entre outros profissionais dedicados a enfrentar o desafio de solucionar os problemas de saúde e cognitivos associados ao baixo suprimento de oxigênio dos pilotos durante os voos da nova guerra aérea.

A atuação de Watson como psicólogo aplicado foi catastrófica (Watson, 1936; Paicheler-Harrous, 1992). Além dos desentendimentos e insubordinações com seus superiores, sua insatisfação de ter sido alocado em comitês distantes de sua área de expertise acabaram levando-o a trabalhos que pouco permitiam o desenvolvimento de seu sistema teórico. Por onde passou, Watson teve conflitos com seus superiores militares e acabou novamente deslocado, desta vez para o treino de pombos correio – que em pouco tempo entraram em desuso pelo avanço das tecnologias de transmissão via rádio. Neste momento, a sequência de fracassos pessoais que culminaram com o fiasco de uma missão em que um grupo de aviadores da *Royal Air Force* no Rio Marne (França) foram dizimado antes mesmo que o behaviorista pudesse realizar sua função de aplicador dos testes de Thorndike, fizeram Watson pedir repatriação aos EUA.

De volta à Washington, foi alocado na *Aviation Medical Corps*, divisão de suporte à saúde

do pessoal da aviação. Neste lugar, acabou entre novos conflitos interpessoais sendo levado à corte marcial militar onde foi condenado à luta na infantaria do front na Europa. O armistício acabou chegando antes de Watson embarcar para o front, onde ele mesmo considerava que encontraria a morte (Watson ,1936). Mas as marcas de fracasso teórico e empírico deixariam marcas que levariam Watson a correr riscos que lhe conduziram a mudanças pessoais e de carreira.

De volta à vida civil, Watson retomou sua posição de professora agora na John Hopkins decidido a montar um programa amplo de forte divulgação do seu Behaviorismo com experimentos de apelo teórico e ao grande público. Dentro deste programa, ele realizaria o experimento d'O Pequeno Albert consagrado no artigo publicado em 1920 e intitulado *Conditioned Emotional Responses* (Watson & Rayner, 1920). O artigo foi publicado em co-autoria com Rosalie Rayner, então aluna de doutorado na John Hopkins sob a orientação de John Watson. Os dois tiveram um envolvimento

romântico enquanto Watson ainda era casado, o que acabou gerando um escândalo social que fez Watson pedir demissão da universidade e deixar a carreira acadêmica.

Após casar-se com Rosalie Rayner (que tomou o nome de Rosalie R. Watson depois de casada), Watson e sua nova família mudaram-se para Nova York. Na nova cidade, ele começou uma carreira em publicidade e propaganda na *J. Walter Thompson Advertising Company* e, posteriormente na *William Esty & Company* até se aposentar em 1945. Por todo esse tempo, Watson foi membro da APA, além de ter continuado o trabalho de interpretação teórica da psicologia de sua época (Watson, 1924; 1930) e de comunicar sobre psicologia e sobre o behaviorismo ao grande público em revistas de grande circulação popular, mesmo tendo declinado de um convite para lecionar na *New School for Social Research*. É curioso notar que Watson persistiu fora da academia, mesmo com a oportunidade de retornar, mas – ao mesmo tempo – a escolha é congruente com seu compromisso de

tornar a psicologia uma atividade profissional e aplicada baseada em princípios gerais do comportamento humano (Watson, 1936).

A saída abrupta e precoce do ambiente acadêmico mesclado possivelmente com elementos do jeito de atuar socialmente de Watson, tiveram impacto sobre a recepção do behaviorismo em seus primeiros anos. Contudo, por refletir seu tempo e valores da psicologia americana, o behaviorismo como matriz de pensamento se desenvolve na psicologia mesmo sem a liderança Watson. Ainda assim, um dos legados de Watson é a popularização do termo, se não diretamente como uma revolução científica, mas como uma escola de pensamento com representação popular e que teria ressonâncias em diversas áreas como a Educação, a Publicidade e diversos outros espaços e áreas que passaram a nutrir um ideário à respeito do que é a psicologia e o que é um behaviorista.

Em síntese, o legado de Watson é um legado tardio, mas de grande impacto social para a psicologia científica, para a atuação do psicólogo e

para o ideário popular sobre esta profissão. Este legado é marcado pelos traços da pessoa de Watson, assim como pela experiência pessoal e coletiva da primeira guerra que, por um lado, afundou “o behaviorista” em fracassos pessoais que lhe inclinaram a tomar riscos de carreira que o afastariam da academia. Por outro lado, desenvolveram e deram visibilidade à profissionalização da psicologia como uma ciência e uma profissão baseada em evidências produzidas pela observação e testagem de elementos observáveis, públicos e mensuráveis. Visibilidade esta repercutida e promovida pelo mesmo personagem que viu sua vida revirar pela guerra em seus riscos, vícios e medos. *All along the watchtower.*

Referências

- Paicheler-Harrous, G. (2018). *A Invenção da Psicologia Moderna*. São Paulo: Benjamin Editorial. Publicado Originalmente em 1992.
- Strapasson, B. A. (2020). An Updated Bibliography of John B. Watson. *Perspectives on*

Behavior Science, 43, 431–444. DOI:
10.1007/s40614-020-00252-0.

Watson, J. B. (1924). *Psychology from the standpoint of a behaviorist* (2nd ed.). Philadelphia: J. B. Lippincott Company.

Watson, J. B. (1930). *Behaviorism* (2nd ed.). New York: Norton

Watson, J. B. (1936). John Broadus Watson. In C. Murchison (Ed.), *A history of psychology in autobiography* (vol. 3, pp. 271–281). Worcester: Clark University Press.

Watson, J. B., & Rayner, R. (1920). Conditioned emotional reactions. *Journal of Experimental Psychology*, 3(1), 1–14.
<https://doi.org/10.1037/h0069608>

Capítulo 05

Das cordas aos gatilhos: melodia, movimentos e a guerra de Max Wertheimer

Em 1880, nascia em Praga (então parte do império Áustro-Húngaro) Max Wertheimer. Seus interesses intelectuais foram bastante diversos, indo da matemática e computação (inventou alguns dispositivos computacionais e máquinas) até a música e a musicologia (interesse que construiu por influência de sua mãe Rosa Zwicker Wertheimer). Estudou piano e violino, além de compor sinfonias e música de câmara. O domínio da música o conduziu a nutrir uma amizade com o físico Albert Einstein, com quem costumava tocar piano e música de câmara, em meio à conversas sobre filosofia da ciência (Pattel, 2018). Após abandonar a faculdade de direito na *Charles University* em Praga (onde ficou entre 1900 e 1901), Wertheimer começou seus estudos em psicologia na *Friedrich-Wihelm University* (também chamada Universidade de Berlin) sob a mentoria dos psicólogos Carl Stumpf e

de Friedrich Schumann quando conheceu a psicologia da percepção.

Em 1904, obteve seu doutorado na Universidade de Würzburg sob orientação de Oswald Külpe após defender uma tese em que descrevia um detector de mentiras (herança dos seus interesses no direito e no desejo de identificar a verdade por trás dos depoimentos de testemunhas). Em seus primeiros anos como pesquisador, também identificou a aplicabilidade da associação de palavras como recurso para compreender a experiência psicológica de cada sujeito, achado anterior a descrição de Carl G. Jung da aplicação desta técnica em contexto clínico (Wertheimer et al., 1992).

Durante pesquisas nos Arquivos Fonográficos de Berlin (*Berlin Phonogram Archives*, por volta de 1910), o jovem Wertheimer também demonstrou a teoria de C. von Ehrenfels sobre a percepção de melodias. Este modelo preconizava que a percepção de melodia é produto da posição das notas, seu papel dentro de acordes e

de sua função na melodia — ao invés da ideia anterior que preconizava que a melodia seria produto do número que notas empregadas. Esses achados sobre a percepção musical reforçariam as ideias de Wertheimer sobre a natureza holística e estrutural da experiência psicológica de “perceber”. Contudo, seria apenas a partir de 1910 que Wertheimer encontraria o caminho das investigações da percepção que o levariam a propor e investigar na teoria da percepção que chamaria de Psicologia da Gestalt. Conta-se que em meio a uma viagem de trem saindo de Frankfurt, Wertheimer comprou um estroboscópio de brinquedo e percebeu que aquele objeto poderia ser adaptado para investigar o impacto do tempo e velocidade do piscar de luzes na percepção de movimento. A descrição do fenômeno de percepção de movimento pela oscilação estática de luzes seria chamada de fenômeno “phi” (Wertheimer, 1912) e seria a primeira demonstração formal da percepção gestáltica — i.e., percepção de uma propriedade de um todo que não seria redutível às propriedades dos

componentes ou partes desse todo. Os estudos do fenômeno phi em seu tempo na Universidade de Frankfurt o puseram em contato com Wolfgang Köhler e Kurt Koffka (que seriam seus colaboradores e co-responsáveis pela criação e divulgação da Psicologia da Gestalt ao longo das próximas décadas).

Wertheimer tem uma história acadêmica rica e marcada por interesses humanos, artísticos e científicos de sua época. Interesses esses que poderiam ter se perdido em meio ao front da primeira guerra mundial. Isso porque em entre 1914 e 1918, Wertheimer serviu como capitão no exército alemão. Como militar, conduziu investigações com Erich von Hornbostel sobre o desenvolvimento da habilidade de orientação espacial para alvos específicos como fontes sonoras. Esse tipo de treinamento era usado na tentativa de aumentar a acurácia dos soldados no campo de batalha. Embora muito satisfeito com as evidências acumuladas na pesquisa com percepção auditiva, que consolidava a

teoria gestáltica da audição, a aplicação bélica de seus achados incomodava Wertheimer.

Há pouca informação disponível em publicações especializadas sobre os anos de Wertheimer no exército e de sua atuação na primeira guerra mundial. Embora haja um acervo de documentos pessoais, familiares e profissionais deste pesquisador disponível no Departamento de Educação do Estado de Ohio (OhioLINK), ainda há um campo de investigação historiográfica interessante a ser explorado sobre a operacionalização dos conceitos gestálticos para o esforço de guerra, o impacto dos resultados do trabalho de pesquisa na tecnologia de guerra e a influência da guerra no pensamento, vida e obra de Wertheimer. Uma pena não termos as respostas e mais informações? Ou uma oportunidade de pesquisa para jovens pesquisadores? O passado está por ser reinventado à luz das evidências e do esforço de compreendê-lo no presente e no futuro.

A partir de 1916, conseguiu uma posição como professor (do alemão *Privatdozent*) e

pesquisador na Universidade de Berlin, onde permaneceria até 1929. A carreira de Wertheimer, como a de Wolfgang Köhler e a quase totalidade dos acadêmicos alemães seria afetada pelo regime nazifascista de Adolf Hitler e o faria mudar para os EUA onde precocemente daria sua carreira acadêmica por encerrada. Um movimento que não é incomum na história, o dos exilados — ao se verem longe de sua matriz cultural — mudarem de profissão, interesses e prioridades (Burke, 2017). Quanto dessa história você encontrou num manual de história da psicologia?

Referências

- Burke, P. (2017). *Perdas e ganhos: Exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500–2000*. São Paulo: Editora UNESP.
- Ohio Department of Education. (2021). *Wertheimer's Family Paper*. Link: <http://ead.ohiolink.edu/xtf-ead/view?docId=ead/OhAkAHA0610.xml;c>

hunk.id=bioghist_1;brand=default.

Accessed in July, 5th 2021.

Patel, A. (2018). Person of the month: Max Wertheimer (1880–1943). *The International Journal of Indian Psychology*, 6(2). DOI: 10.25215/0602.001

Wertheimer, M. (1912). “Experimentelle Studien über das Sehen von Bewegung” [Experimental Studies on Motion Vision]. *Zeitschrift für Psychologie*, 61(1), 161–265.

Wertheimer, M.; King, D. B.; Peckler, M. A.; Raney, S.; Schaef, R. W. (1992). “Carl Jung and Max Wertheimer on a priority issue”. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 28(1): 45–56. doi:10.1002/1520-6696(199201)28:1<45::AID-JHBS2300280104>3.0.CO;2-P

Capítulo 06

O front de Recrutamento e Seleção de J. R. Angell na Primeira Guerra

James Rowland Angell (1869–1949) foi um prestigiado psicólogo americano da primeira metade do século XX. Graduou-se na Universidade de Michigan em 1890, onde também obteve seu mestrado em filosofia em 1891 sob a orientação de William James. Em 1892, Angell foi à Alemanha em busca de educar-se no laboratório de Wihelm Wundt. Contudo, o laboratório de Wundt não pôde recebê-lo e ele se dirigiu à Universidade de Berlin e Halle onde iniciou seu doutorado. Nunca concluído. Angell completou sua tese sobre a filosofia de Kant em alemão. Contudo, nunca entregou uma versão corrigida da tese revisada para o uso do alemão em nível acadêmico. Uma das razões de não ter entregado a tese revisada seria pela necessidade de Angell em assumir uma posição como professor da Universidade do Minessotta. Posteriormente, em 1904, entraria na Universidade de Chicago onde se consagraria entre os membros da escola

funcionalista, instrutor do jovem John B. Watson e onde permaneceria até 1918, quando mudaria para Washington e assumiria junto a Walter Dill Scott a chefia do departamento de classificação de pessoal do exército.

Nesta seção, Angell e Scott trabalharam juntos aplicando escalas para seleção de novos oficiais. O uso dessa escala foi recusado e criticado pelos oficiais superiores do exército por razões práticas e técnicas, mas que foram superadas pela interferência de Scott e depois pela capacidade de prever acuradamente habilidades de um grupo de oficiais que fizeram parte de um teste preliminar do instrumento. A ferramenta seria usada em todos os setores do exército e recomendada pela administração central de Washington como etapa essencial para o recrutamento de novos oficiais. A escala ainda seria usada com o exército britânico para seleção de cozinheiros, construtores de embarcações e até descascadores de batata.

Após servir no último ano da guerra, Angell retomaria a carreira acadêmica assumindo a posição

de presidente interino da Universidade de Chicago. O colegiado da Universidade de Chicago não conferiria a ele uma posição de presidente (equivalente a reitor) por Angell não congregar da religião cristã batista. Por esta situação, em 1919 ele deixaria Chicago para dirigir o Conselho Nacional de Pesquisa dos EUA e a Universidade de Yale (a partir de 1920 e onde ficaria na presidência até 1937). Após deixar Yale, aos 68 anos, Angell ainda trabalharia como assessor de assuntos educacionais para a rádio NBC na cidade de Nova York até sua morte aos 80 anos em 1949 (Charles, 1989).

Angell teve uma trajetória acadêmica dedicada à aplicação da psicologia acadêmica em contextos profissionais. Se dedicou à gestão universitária e ao desenvolvimento da psicologia Americana como presidente da *American Psychological Association* (APA, 1906), como editor do periódico científico intitulado *Psychological Monographs* (1912–1922), como presidente das prestigiadas Universidade de Chicago e Yale (Charles, 1989). Publicou diversos artigos

além de ter lançado livros importantes para popularização da psicologia aplicada e profissional como “*American Education*” (Angell, 1937), “*The Higher Patriotism*” (Angell, 1938) e “*War, Propaganda and the Radio*” (Angell, 1940), neste último comenta sobre sua trajetória profissional na academia, no exército e na grande mídia.

Uma série de documentos originais de interesse historiográfico sobre J.R. Angell estão disponíveis nos “*James Rowland Angell personal papers*” e nos “*The Presidential Papers of J.R. Angell*” mantidos nos arquivos da Universidade de Yale. Por sua importância para o trajeto de profissionalização da psicologia americana e sua experiência diversificada entre a academia e a prática, das mídias à guerra, Angell é uma personagem por se descobrir em trabalhos futuros da historiografia da psicometria, da psicologia educacional e de estudos da relação entre psicologia e mídias de massa.

Referências

- Angell, J. R. (1937). *American Education*. New Haven: Yale University Press.
- Angell, J. R. (1938). *The higher patriotism*. Palo Alto: Stanford University Press.
- Angell, R. (1940). *War Propaganda and the Radio: A Howard Crawley Memorial Lecture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Charles, D. C. (1989). The Old Age of Some Eminent Psychologists. *Educational Psychology Review*, 1(4), 369–380.
- Hunter, W. S. (1949). James Rowland Angell, 1869–1949. *The American Journal of Psychology*, 62(3), 439–450.

Capítulo 07

Theodore Simon, cirurgias, epidemias e a miséria humana no front

Théodore Simon foi um médico-cirurgião e psicólogo francês eternizado na história da psicologia por sua coautoria com Alfred Binet de uma das primeiras e mais notórias escalas de inteligência (Binet & Simon, 1905; 1908; 1911). Em 1899, Simon começou um trabalho clínico mais dedicado ao estudo de crianças com “desenvolvimento anormal” (Gutierrez, 2017) e foi este tópico que chamou o interesse de Binet para o trabalho de Simon. A partir de 1903, os dois trabalhariam juntos na Sociedade Livre para o estudo psicológico da criança onde identificariam a necessidade de construir uma ferramenta para identificar crianças com necessidades educacionais especiais que pudesse oferecer uma maneira de identificar formas de promover e facilitar o desenvolvimento destas crianças (Klein, 2018). Esta escala tomaria o nome dos dois (Escala Simon-Binet para mensuração da inteligência; Wolf, 1961) que

seria publicada na revista *L'Année psychologique*, fundada por Binet em 1895.

A escala de inteligência de Simon-Binet utilizava sub-testes para medir a performance de crianças em relação a habilidades como a nomeação de dígitos, cópia do losango, ditado de uma frase, repetição de 5 dígitos, identificação de imagens, entre outros. Os testes poderiam ser realizados com crianças entre 3 e 13 anos, variando em grau de dificuldade progressivamente maior conforme a maior idade, e eram normalizados para essas populações. O impacto da escala Simon-Binet de inteligência foi profundo na psicologia de sua época e reverbera na psicometria e em escalas atuais até os dias atuais (Nicolas et al, 2013). Binet acabaria falecendo em 1911 em decorrência de um aneurisma cerebral. O trabalho de desenvolvimento da escala ficaria à cargo do psicólogo alemão William Stern e do parceiro de Binet, Théodore Simon. Contudo, este último enfrentaria dificuldades no desenvolvimento da escala nos primeiros anos sem

Binet, pelo seu serviço militar junto ao exército francês durante a primeira grande guerra.

Simon foi um dos psicólogos desta série que atuou mais tempo e mais ligado ao front da guerra, totalizando um tempo de mobilização de quatro anos e meio entre 1914 e 1919. Em 1914, foi alocado como médico cirurgião assistente do *hôpital auxiliaire de Sens*, na abadia de Igny (próximo à Reims, no norte da França). Neste hospital, era responsável por avaliar o quadro clínico e as competências intelectuais de pessoas acometidas pela epidemia de Tifo que acometeu aproximadamente 25 milhões de pessoas na Europa entre 1917 e 1925. além de ter matado um montante de 3 milhões de pessoas. A tifo é uma doença infecciosa causada pela bactéria *Rickettsia prowazekii* e que se espalha por pulgas e piolhos humanos. Seu espalhamento é decorrente das péssimas condições sanitárias dos fronts e trincheiras da guerra que submetiam os novos recrutas e as pessoas afetadas pela economia da guerra. Entre os principais sintomas estão dor de

cabeça, febre alta, lesões de pele que se espalham rapidamente e que tem como consequências duradouras a perda auditiva, prejuízos motores e vestibulares (i.e., de equilíbrio), neuropatias periféricas e eventualmente até amputação de membros (Gutierrez, 2013). Nesta posição, Simon era responsável por determinar quem dos acometidos pela Tifo poderiam ser alocados no front para lutar pelo exército francês. Reencontrando nas trincheiras a mesma miséria que os levaram a contrair a tifo.

Em 1916 foi realocado para atuar na *Ambulance 11/3 de la 5e armée* onde prestava serviços como cirurgião aos feridos da linha de frente e servindo de testemunha ocular para as carnificinas do campo de batalha. Os registros documentais das atuações de Simon neste período encontram-se preservados em relatórios mantidos pelo Arquivo Nacional da França.

Seu último campo de atuação na Guerra foi o *hôpital auxiliaire d'Issy-les-Moulineaux*, em Paris, onde trabalhou como médico assistente de

primeira classe. Neste momento, apesar de persistir mobilizado para o esforço de guerra até 1919, Simon pode se dividir entre as atividades no hospital e o ensino da pedagogia experimental na *École Normale d'Institutrices des Batignolles* (em Paris) dedicando-se à elaboração de currículos voltados à identificação de demandas educacionais especiais e desenhando currículos para o ensino de todos os tipos de alunos em suas especificidades individuais e com uma postura anti-patologização da diversidade de perfis educacionais.

A carreira de Simon no pós-primeira guerra se dividiu entre a prática médica, a liderança de instituições médicas e científicas relevantes na França, fundou a *L'Ecole d'Infirmières de Maison-Blanche*, editor do *Bulletin da Sociedade Alfred Binet* além de diversas outras posições que assumiria ao longo dos anos. Continuará sua carreira científica publicando trabalhos apresentando a escola “métrica” ou psicometricista como pensada por ele e por Binet e defendendo a incompletude de seu trabalho frente a comunidade científica. Simon

repetiria em diversas ocasiões como o entusiasmo com a escala, fez a comunidade perder de vista a necessidade de usá-la como um recurso para entender as nuances pedagógicas e curriculares que seriam exigidas para se ensinar crianças com necessidades especiais. A anormalidade de Simon era um conceito mais descritivo que normativo, e seria nada se não um recorte de um momento que deveria servir como um primeiro passo no caminho para o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva e pautada nos avanços da ciência da psicologia e das ciências naturais. Um valoroso desfecho na carreira de um combatente do púlpito e do front.

Referências

Binet, A., & Simon, T. (1905a). New methods for diagnosing the idiot, the imbecile, and the moron. In Sante de Sanctis (Ed.), *Atti del V congresso internazionale di psicologia tenuto in Roma dal 26 al 30 aprile 1905 sotto la presidenza del Prof Giuseppe Sergi* (pp. 507–510). Rome, Italy: Forzani.

- Binet, A.; Simon, Th. (1905b). “New methods for the diagnosis of the intellectual level of subnormals”. *L’Annee Psychologique*. 11: 191–244.
- Binet, A.; Simon, Th. (1908). “The development of intelligence in children”. *L’Annee Psychologique*. 14: 1–94.
- Binet, A.; Simon, Th (1911). “The measure of the development of the intelligence in young children”. *Bulletin de la Société Libre pour l’Étude de l’Enfant*. 11: 187–256.
- Archives Nationales. (2015). Guerre 1914–1918. *État civil des régiments, ambulances et hôpitaux militaires*, 12^o ed. Seine: Archive Nationales de France.
- Gutierrez , L. (2017). Théodore Simon et les mystères de l’âme humaine. *La Pensée* , 391, 80–91. <https://doi.org/10.3917/lp.391.0080>
- Klein , A. (2018). Théodore Simon (1873–1961). Itinéraire d’un psychiatre engagé pour la professionnalisation des infirmiers et infirmières d’asile. *Recherche en soins*

infirmiers, 135, 91–106.

<https://doi.org/10.3917/rsi.135.0091>

Nicolas, S., Andrieu, B., Croizet, J. C., Sanitioso, R. B., Burman, J. T. (2013). Sick? Or slow? On the origins of intelligence as a psychological object. *Intelligence*, 41(5), 699–711. DOI: 10.1016/j.intell.2013.08.006.

Wolf, T. H. (1961). An individual who made a difference. *American Psychologist*, 16(5), 245–248. <https://doi.org/10.1037/h0044555>

Capítulo 08

Bernard Hart, um professor na guerra pela sanidade.

Bernard Hart foi um médico e psiquiatra inglês nascido em Sussex, Reino Unido, em 1879. Um dos nomes do lado B ou C dos manuais de psicologia, Hart teve um papel fundamental para a história da Psicologia Clínica e para a modernização das práticas em saúde mental no Reino Unido nas primeiras décadas do século XX.

Hart fez todo seu percurso de formação superior e médica na I entre 1903 e 1912. Foram ainda nos anos finais de sua formação médica que Hart publicou os textos que introduziriam a psicanálise Freudiana aos anglófonos (falantes da língua inglesa) com destaque para os textos *The Conception of the Subconscious* (Hart, 1910) e *The Psychology of Insanity* (Hart, 1912). Junto com o estatístico Charles Spearman, eternizado pela relação de correlação nomeada em sua homenagem, Hart publicou o artigo *General ability, its existence and nature* (Hart & Spearman, 1912), em que discutem sobre a generalidade da inteligência e

discutem sobre as condições e provas necessárias para demonstrar que ela seria um produto de múltiplas funções ou um fator/função único que produziria as diferentes habilidades intelectuais humanas. Os interesses acadêmicos de Hart estavam bastante ligados a clínica psiquiátrica, aos fundamentos da psicometria e — não menos importante — de temas populares da psicologia como se pode ver por sua análise da psicologia do “rumor”, as famosas fofocas, em que discute sobre as condições para aceitar reportes de terceiros como fato mesmo na ausência de evidências essenciais (Hart, 1916). Parece a você um tema relevante atualmente?

Com o início da primeira guerra mundial, Bernard Hart foi recrutado para a *Royal Academy of Medical Corps* (RAMC, corpo de medicina do exército real britânico) onde atuou como professor no *Moss Side Military Hospital*, distrito de Liverpool-UK. Com o ranking de Major, Hart atuava no tratamento dos acometidos pelo “shell-shock”, neurastenia, “neurose de guerra”, ou

também atualmente chamada de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e no treinamento de jovens recrutas médicos para o tratamento dessa patologia que se disseminava rapidamente no ambiente da Guerra. Estimava-se que entre 7–10% dos oficiais e entre 3–4% dos recrutas eram acometidos pelo transtorno nos tempos da primeira guerra (Shepard, 2000). Neste tempo, os tratamentos eram diversos e iam de anestésias, até o uso de choques elétricos e terapias de sugestão (McKenzie, 2012).

O investimento do exército inglês no tratamento dos transtornos mentais da guerra levou Escritório de Guerra a destacar até 25 oficiais médicos especialistas e em treinamento nos temas de saúde mental para o hospital de Hart mantendo uma proporção de até 20 pacientes por profissional (Jones, 2010). Enquanto muitos dos médicos rapidamente se alinharam a alguma das opções terapêuticas, Hart (1918/1927) indicava a necessidade de uma combinação dessas terapias para

produzir um melhor resultado com base em suas observações clínicas no hospital.

Essa posição de atenção à diversidade de tratamentos é particularmente importante por ter destacado a utilidade de psicanálise como recurso para compreender as estratégias de enfrentamento subconscientes que, segundo Hart, seriam empregadas pelos recrutas para lidar com os traumas psíquicos do front da guerra, e por Hart ter cumprido papel de destaque no treinamento de novas gerações de psiquiatras britânicos. Em tempos que a formação psiquiátrica de oficiais-médicos durava três meses (Jones, 2010), Hart era um dos principais professores junto com William Dougall, C. G. Selligman, entre outros renomados psicólogos e médicos britânicos. Mais ao fim da guerra, Hart também atuou como médico no Hospital de Especialidade Neurológica de Oficiais em Kensington (West London) além de assumir uma posição de consultor em psiquiatria para o exército real britânico até o fim da guerra.

Além de introduzir os trabalhos de Janet e Freud para leitores de língua inglesa, Hart publicou o texto *Philosophy of Psychiatry* (Hart, 1908) que se tornou muito influente na formação de psiquiatrias. Quando da desmobilização do pós-guerra, Hart retornou ao *University College London* (UCL) onde lecionou e praticou a medicina até 1947. Teve atuação importante também na segunda guerra e foi indicado em 1945 para uma comenda do império britânico por seus serviços prestados na guerra e como médico. A atuação de Hart é muito mais longa e influente do que daríamos conta nesse texto, mas seu papel na guerra e sua influência para a disseminação da psicoterapia entre a prática psiquiátrica na primeira metade de século XX precisa ser mais investigada e compreendida em seus impactos para as escolas médicas no Reino Unido e nos EUA.

Referências

Hart, B. (1910). “The conception of the subconscious”. *The Journal of Abnormal*

- Psychology*. 4 (6): 351–371.
doi:10.1037/h0074022.
- Hart B. (1916). The Psychology of Rumour. *Proceedings of the Royal Society of Medicine*, 9 (Sect Psych), 1–26.
- Hart, B. (1922). *The psychology of insanity. Cambridge manuals of science and literature*. Cambridge University Press. Originally published in 1912, reprinted from 1916 3rd edition.
- Hart, B.; Spearman, C. (1912). “General ability, its existence and nature”. *British Journal of Psychology*. 5 (1): 51–84.
doi:10.1111/j.2044-8295.1912.tb00055.x.
- McKenzie A. G. (2012). Anaesthetic and other treatments of shell shock: World War I and beyond. *Journal of the Royal Army Medical Corps*, 158(1), 29–33.
<https://doi.org/10.1136/jramc-158-01-07>
- Shephard B. (2000). *A War of Nerves: Soldiers and Psychiatrists 1914–94*. London: Jonathan Cape, 21.

Capítulo 09

Helena Antipoff, peregrina entre as marcas da guerra civil e militar

Helena Antipof foi uma psicóloga, educadora, ativista dos direitos das mulheres e das pessoas com deficiência e necessidades educacionais especiais russo-brasileira. Sim, Helena é a primeira brasileira e a primeira mulher da lista d' *#OsVeteranosdasGuerrasPsíquicas*. Combatente das lutas das ruas, fora do front, listar os feitos, conquistas e aventuras desta mulher é um trabalho hercúleo que vamos simplificar sem perder o brilho.

Helena Antipoff estudou e trabalhou com Albert Binet e Théodore Simon na Universidade de Sorbonne, em Paris, onde obteve seu grau de bacharel em psicologia em 1915 (Campos, 2003; Domingues, 2011). Estudou e trabalhou com Edouard Claparède, aluno de Charcot, e investigador no Instituto Jean Jacques Rousseau na Suíça entre 1916 e 1917 e em meados dos anos 1920 (após a primeira guerra mundial e já como pesquisadora residente, não mais no status de aluna). Encabeçou

trabalhos de pesquisa acadêmica em psicologia e desenvolvimento infantil na França, Rússia, Suíça, Egito e Brasil. Escreveu pelo direito das mulheres à educação em jornais espanhóis nos anos 1910. Fundou a Sociedade Pestalozzi do Brasil, dedicada ao ensino de todas as pessoas com transtornos de aprendizagem e desenvolvimento. E esse legado é apenas uma pequena amostra da luta e das conquistas de Helena Antipoff.

Dito isso, vamos focar neste texto em uma passagem específica da vida de Helena. Uma passagem que a fez deixar a Suíça para peregrinar entre os fronts da primeira guerra e da revolução russa em busca do seu pai. Wladimir Vassilevitch, um coronel do exército Czarista ferido numa revolta popular próximo à Moscou, foi resgatado pela sua filha em meio a um salão com dezenas de feridos dos combates. Doente, maltratado e raquítico, o homem só foi reconhecido pela filha por uma marca que lhe era distintiva — uma pequena cicatriz no dedo mínimo. Helena recebeu a notícia do ferimento do pai tempos antes enquanto ainda estava na Suíça. Ela

fez o caminho até São Petersburgo (que se tornaria Petrogrado após a regulação de 1917 e emergência do regime soviético), onde só descobriria da mãe e da irmã que o acidente do pai não havia sido detalhado e, menos ainda, seu estado de saúde e paradeiro (Campos, 2003). Um homem e apenas mais um homem perdido entre a boataria da guerra.

Pela ausência de informações e preocupação com o pai, Helena iniciou um ciclo de peregrinação entre hospitais de guerra, trincheiras e quartéis em busca de informações sobre o pai, Vasculhou nas cidades e no campo. Um caminho que a confrontou com os tormentos da guerra, militar e civil. Helena reconheceu as profundas marcas da miséria e da morte entre seus compatriotas russos em meio ao front, enquanto ela mesmo buscava sozinha entre o caos generalizado pistas do estado de saúde e do paradeiro de seu pai (Campos, 2003).

Quando o encontrou, conseguiu transportá-lo para a casa de familiares na região da Criméia (hoje disputada por grupos ucranianos e russos), na Cidade de Simferopol próximo ao mar negro.

Depois de se certificar que o pai estava seguro, retornou a Petrogrado, onde retomou a carreira atuando em Psicologia em escolas-hospitais que cuidavam e educação milhões de crianças órfãs que perderam os pais pela guerra ou pela revolução. Lá ela identificou que crianças de famílias burguesas (que tinham, portanto, acesso à livros em casa, à educação individualizada, e estímulo e encorajamento às atividades intelectuais) mostravam superioridade nas médias do coeficiente de inteligência quando comparadas com crianças oriundas de classes operárias. Seus reportes e conclusões foram entendidas como subversivas à doutrina marxista como entendida e promovida pelo regime bolchevique. E, como outras e outros intelectuais russos, foi perseguida e pressionada pelo regime soviético como contra-revolucionária e promotora de ideais eugenistas de superioridade da burguesia.

No exílio, deixou a Alemanha da República de Weimar e retornou ao Instituto Jean-Jacques Rousseau para atuar como pesquisadora em

Psicologia infantil junto com Claparède. No início dos anos 1920, desenhou uma linha de pesquisa sobre desenvolvimento infantil e educação básica no Egito. Do Egito recebeu o convite para dar continuidade ao programa de pesquisa que desenhou e, nessa mesma época, recebeu convite do governo de Minas Gerais para liderar um grupo que reformaria a política educacional desse estado com base nos princípios da educação individualizada e ativa de Claparède e que ficaria conhecida no Brasil como “Escola Nova”.

No Brasil, Helena formaria professoras preparadas para o ensino baseado em ciência (da biologia à psicologia) que se fortalecia pela Europa e pelos Estados Unidos pelo trabalho de pioneiros como Edward L. Thorndike e de seus mestres e amigos como Théodore Simon e Edouard Claparède (com quem manteria contato até a morte deste). Aqui ela fundou escolas normais, escolas de ensino de pessoas com deficiências diversas e com superdotação, organizou o Departamento Nacional da Criança (junto ao então Ministério da Educação e

Saúde), organizou a Sociedade Pestalozzi do Brasil e — posteriormente — à Federação de Sociedades Pestalozzis do Brasil (que existe até os dias atuais e se dedica à educação de crianças seguindo princípios da construção de currículos especiais e individualizados.

Helena pensou a educação como um direito cujos objetivos com a pessoa deveriam ser individualizados, mas cujo impacto e compromisso era social e inclusivo (Lourenço, 2000). Educar pela diversidade seria uma forma de garantir integração com cidadania aos educandos dentro de suas idiossincrazias e histórias. Uma pensadora, educadora, cientista da psicologia, líder e articuladora social. Helena perdeu a nacionalidade russa e conseguiu a brasileira após um período inicial de contrato temporário com o governo de Minas Gerais. Atuou no Rio de Janeiro, onde também abriu escolas e reformou a política nacional modernizando os objetivos curriculares e o tratamento das crianças “excepcionais” (Domingues, 2011). Foi uma das pioneiras do departamento de psicologia da UFMG,

onde orientou alunos em nível de graduação e pós-graduação tendo construído uma tradição forte de experimentação, teste empírico e pesquisa em educação e saúde ligada ao desenvolvimento humano e infantil.

Helena é a primeira mulher da lista de autores que discuti na série de textos de divulgação científica “Os Veteranos das Guerras Psíquicas”. Não pela falta de mulheres com trajetórias ricas e interessantes na história da psicologia. Grandes personagens já tinham deixado marcas importantes na história da psicologia nos EUA, no Japão e na Europa em grandes figuras como Mary Whiton Calkins, Désiré-Joseph Mercier, Tsuruko Haraguchi e Margaret Floy Washburn (APA, 2018). Contudo, cada uma destas personagens tem histórias que envolvem barreiras de acesso, reconhecimento, titulação e continuidade na carreira acadêmica que não apenas afetaram seus percursos individuais, como seu legado na formação de novas gerações e na escrita e historiografia da ciência da psicologia que — por diversas vezes e até os nossos dias —

diminuiu, minimiza ou esconde entre notas de rodapé e balões de curiosidade em manuais especializados a relevância e representatividade destas personagens e de seu trabalho intelectual.

Helena Antipoff é uma mulher cujas marcas e o legado conseguiram romper essa barreira e consolidar-se como referência para a pesquisa em psicologia da educação e psicopedagogia até hoje, quase 50 anos após sua morte. Ela possui grupos de estudo e pesquisa dedicados à sua obra, uma fundação dedicada à preservação de sua memória e defensora de práticas educativas transformadoras baseadas em inclusão e evidência, além de encontros científicos e profissionais dedicados ao estudo crítico de sua obra e à visibilidade das causas da educação, com foco na infância e no desenvolvimento humano integral. Uma mulher que lutou pelo direito de saber para si e para todos, com respeito à diversidade das trajetórias de aprendizagem.

Nota 01: Em 2020, foi lançado pela Fundação que leva seu nome um documentário

biográfico de pouco mais de 70 minutos em um festival de cinema russo. O filme está disponível na íntegra gratuitamente online. E, por sua dedicação ao Brasil e seu legado de marcas profundas aqui, há muita literatura científica e técnica sobre ela em língua portuguesa e disponível gratuitamente online.

Nota 02: há um texto interessante sobre um recorte do legado de Helena Antipoff e publicado no site do Conselho Federal de Psicologia mencionando como ela lidou com a realidade jurídica com que conviveu em que o trabalho era permitido por lei para crianças a partir de 12 anos.

Referências

- American Psychological Association (APA). (2018). *Women in Psychology Timeline*. Accessed in: 08-18-2021. Link of access: <https://www.apa.org/pi/women/iampsyched/timeline>.
- Campos, R. H. F. (2003). Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. *Estudos Avançados*, 17(49), 209–231.

Domingues, S. (2011). *O conceito de excepcional na obra de Helena Antipoff: diagnóstico, intervenções e suas relações com a educação inclusiva*. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Lourenço, E. (2000). Educação Inclusiva: uma contribuição da história da psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20(1), 24–29.

Capítulo 10

Exercícios didáticos

1. Você já utilizou a Wikipedia para obter informações científicas qualificadas? O formato aberto de compartilhamento conhecido por Wiki oferece distribuição de conteúdo gratuito e aberto construído pelos usuários. A wiki se tornou popular e dá acesso a um universo rico de conteúdo em diversos idiomas e gratuitamente. Contudo, a wiki, por ser produzida por uma comunidade de usuários exige uma continuidade da revisão e edição do conteúdo. Que tal conferir o conteúdo de cada autor tratado neste livro nos artigos da Wikipedia entre português e inglês? Que diferenças e semelhanças você consegue reconhecer?

2. Você já ouviu falar da Enciclopédia Britânica e do Dicionário de Psicologia da APA (Associação Americana de Psicologia)? Antes da popularização da internet a Britânica era uma das principais ferramentas de consultas em bibliotecas. As enciclopédias têm um sistema distinto da wiki. O conteúdo é produzido por convidados e revisado por um corpo técnico de especialistas e por bibliotecários e enciclopedistas. O dicionário de Psicologia da APA segue um formato parecido e visa definir epítetos específicos do jargão da psicologia em suas diferentes áreas de atuação científica e profissional. Os links de acesso aos recursos estão disponíveis abaixo. Que tal comparar o

tipo de conteúdo que você consegue obter entre cada uma destas fontes? Wikipedia, Enciclopédia Britânica e Dicionário de Psicologia da APA. Que aspectos são comuns e quais são distintos nos conceitos, aspectos biográficos importantes e nas fontes bibliográficas usadas por cada fonte?

3. Prepare uma tabela identificando para cada autor retrato no livro sua naturalidade, sexo biológico, idade e posição hierárquica/envolvimento com a guerra. O que você é capaz de identificar a partir destas informações? Tente identificar a relação entre esses autores e a continuidade da ciência e da profissão psicológica. Que relações eles

mantiveram com países e comunidades em situação de vulnerabilidade social?

4. Neste livro, investimos no método biográfico de apresentação da história como recurso didático. Com ajuda do seu professor, tente identificar que outros métodos históricos existem e que críticas e méritos podemos atribuir a cada um deles. Que limitações podemos identificar no método biográfico e como poderíamos retratar a relação da primeira guerra com a psicologia de forma diferente?
5. O governo dos EUA mantém um acervo online com informações militares sobre pessoas, unidades de combate, missões e registros em geral relacionados a primeira guerra mundial em

sua *National Archives*. A *National Academy of Science* (NAS) dos EUA também mantém disponível online obituários e biografias de grandes personagens históricos da ciência estadunidense. Que tal fazer uma busca nestes dois bancos de dados para rastrear que nomes relacionados à psicologia e ciências do comportamento e cognição estão relacionados a missões militares do período da primeira guerra? Isso pode ajudar a investigar sobre diferentes aspectos sociológicos ligados à guerra e oferecer uma compreensão econômica, contextual e política da ação desses personagens e da psicologia americana no conflito. Que tipo de outras fontes é possível rastrear para entender a

relação entre psicologia e guerra em outros países?

Tem novas ideias de atividades, temas e projetos para continuar, aprimorar e/ou desenvolver este livro? Contate o autor pelas redes sociais e/ou pelo e-mail: santana.lhc@usp.br

Posfácio

História, historiografia e a formação do psicólogo

Luiz Henrique Santana

A psicologia é uma área que gera fascínio para muitos por sua dedicação ao estudo de aspectos íntimos da experiência humana como o comportamento, hábitos, cognição, mente, personalidade, mente, entre outros. A diversidade temática e de escopo de atuação fazem da profissão da psicologia uma área de atração de pessoas, ao passo que a diversidade epistêmica e metodológica de sua ciência torna seus caminhos progressivamente mais plurais e dispersos, ou em dispersão.

O pluralismo acarreta dificuldades no desenho curricular da formação do psicólogo brasileiro. De um lado, há uma manifesta intenção de manter a abertura de atuação para múltiplas áreas para conservar o máximo de oportunidades de trabalho; por outro lado, há a dificuldade de sequenciar os conteúdos, atividades e disciplinas da formação do psicólogo entre as quais seriam os mais

básicos e mais complexos. Essa dificuldade se reflete na forma “peregrinação de determinados conteúdos de disciplina em disciplina, à omissão de outros, à apresentação de fundamentos que carecem de fundamentos”. Esse cenário produz uma introdução descontextualizada de temas e gera desinteresse dos alunos e confusão na aprendizagem dos conteúdos.

Ensinar história da psicologia oferece a oportunidade de pôr o próprio currículo de formação do psicólogo brasileiro em perspectiva, bem como desnaturalizá-lo e circunscrevê-lo nos objetivos institucionais da psicologia brasileira entre suas diferentes manifestações profissionais e científicas. Para cumprir este papel, é preciso instrumentalizar os estudantes e professores nas ferramentas da historiografia e no interesse de se investir na história das ideias e história social da psicologia. A história das ideias se refere ao legado das Escola dos Anais inaugurada na ciência da história nos anos 1930 e que permitiu à história emancipar-se das investigações dos grandes episódios e personagens e

diversificar seu escopo de interesses para experiências humanas mais comuns, cotidianas e subjetivas, como o estudo da vida cotidiana ou dos valores e práticas humanas relacionadas à vida e a morte. A vida psicológica humana e sua representação nas diferentes culturas passa a se tornar um objeto de interesse para o historiador da psicologia.

Essa perspectiva crítica ao mesmo tempo expande o rol de temas de interesse numa cadeira de história como oferece a chance de aproximar alunos e professores da pesquisa historiográfica por permitir o contraste de suas próprias experiências do presente, no cotidiano ou dos conhecimentos da sociologia, antropologia e psicologia modernas, com as fontes e conhecimentos do passado. Este tipo de experiência favorece o entendimento de continuidades e rupturas entre os processos de subjetivação e permite refletir sobre as interações entre o surgimento e desenvolvimento da psicologia como ciência e profissão e as transformações

socioculturais que entremeiam os espaços psicológicos.

Essa virada na experiência de ensino e aprendizagem em história da psicologia exige uma transformação nos espaços de formação e estudo destes temas. Uma transformação nas fontes, métodos, planos de ensino e expectativas para o ensino. O ensino de história da psicologia no Brasil acontece majoritariamente entre as cadeiras iniciais dos cursos de psicologia. Não há indicadores da qualidade da formação historiográfica dos professores que ministram estas disciplinas, mas os escassos espaços de formação em pesquisa historiográfica aplicada à psicologia dão pistas das lacunas teóricas e metodológicas que estes professores provavelmente enfrentam no ensino de história.

Manuais recentes de historiadores da psicologia de origem brasileira e de fala lusófona tem se tornado mais presentes no mercado editorial brasileiro, mas as baixas tiragens, a digitalização dos acervos com privilégio às fontes oriundas de autores estrangeiros

e a compactação e padronização de currículos pela expansão das grandes redes de ensino superior privado com fins lucrativos podem se configurar como práticas prejudiciais ao ensino científico da história das ideias, da profissão e da ciência da psicologia. Uma consequência apenas conjecturada aqui, e que está sujeita a contraprova pelas evidências.

Por fim, o ensino profissionalizante do psicólogo brasileiro tende a ter um impacto importante sobre a aprendizagem e consolidação dos aspectos mais conceituais e teóricos da ciência psicológica. A expansão do ensino superior no Brasil se deu por meio da expansão de vagas e do sistema de ensino público e privado. O interesse social nessa formação encontra-se bastante associada a promessa de ascensão social e melhora de vida para si e para familiares. Essa transformação se deu junto com o desenho de currículos que distribuem experiências profissionalizantes desde os primeiros semestres e grades curriculares pré-definidas e com poucas oportunidades previstas para

a integração entre a sala de aula e as experiências de pesquisa extensão universitária, em especial entre as instituições de ensino superior com fins lucrativas e geridas por conglomerados que as adquiriram via mercado financeiro de capitais.

A história da psicologia costuma ser ofertada como disciplina de introdução à psicologia nos currículos de psicologia do Brasil. Os currículos voltados à formação profissionalizante e os poucos espaços de formação em história e historiografia, são alguns fatores que fazem do ensino básico de história da psicologia uma prática que muitas vezes pouco priorizam o ensino de historiografia como método para reconhecimento de fatos, fontes, narrativas e teorias em história. Este livro pretendeu oferecer um recurso para o ensino de história baseado na pesquisa ativa de fontes historiográficas qualificadas e por uma abordagem de estudos orientados pelo questionamento elaborativo e pela aprendizagem baseada em problemas e projetos. O professor ou mediador da aprendizagem em história da psicologia pode utilizar o conteúdo básico e ou as

atividades aqui apresentadas como meio para o treinamento de competências e habilidades em pesquisa historiográfica com seus educandos.

Sim, como meio, não como fim. O objetivo deste texto não é e não poderia ser em seu formato atual oferecer uma fonte exaustiva do que foi a experiência da psicologia na primeira guerra mundial. Todavia, servir como meio é uma das propostas deste livro ao convidar o aluno a ser parte da geração de pesquisadores em historiografia em psicologia e buscar, estudar, organizar, refletir e construir por si mesmo o conteúdo que comporá a educação histórica de si mesmo e das novas gerações de leitores e estudantes de psicologia.

A primeira guerra mundial foi um momento decisivo na história da psicologia. Enterrou a tradição introspeccionista da psicologia e fez com que psicólogos saíssem dos armários dos Departamentos de Filosofia para estabelecer uma nova ciência e uma nova profissão. Neste livro, apresentas-e uma experiência sobre como ensinar história da psicologia na Primeira Guerra Mundial como um estudo de caso sobre as controvérsias sociais e científicas da área, ao mesmo tempo em que coloca alguns pontos cruciais sobre as trajetórias biográficas e as circunstâncias sociais que operaram sobre o desenvolvimento da ciência e da profissão de psicólogo(o) em todo o mundo.